

ENTRE *CONFISSÕES* E *DEVANEIOS*: O ITINERÁRIO DO MITO NO DISCURSO POÉTICO DE JEAN- JACQUES ROUSSEAU

BETWEEN *CONFESSIONS* AND *REVERIES*: THE TRAJECTORY OF MYTH IN THE POETIC DISCOURSE OF JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Maria de Lourdes Dionizio Santos¹

Resumo: O artigo intenta investigar o mito presente no discurso poético em *As confissões* e *Os devaneios do caminhante solitário*, de Jean-Jacques Rousseau. A partir da leitura das obras supramencionadas, intentamos apresentar o itinerário do mito na tessitura de sua linguagem, conferido na expressão dos sentimentos do sujeito que atesta o lirismo dessas obras. Ao lançarmos um olhar atento em *As confissões*, percebemos haver uma falta primordial que fundamenta e motiva a busca do “eu”, no itinerário de sua existência. Trata-se, em princípio, da ausência da mãe, que marcará, de forma indelével, o destino de Rousseau. Isso tem-se configurado determinante no decurso da vida do indivíduo, conforme temos constatado em narrativas orais, quando a criança perde seus genitores. Exemplo disso são histórias contadas e ouvidas no passado ou no presente -, sejam contos de fadas ou relatos de vidas reais, que até então contagiam o espírito de quem as ouve. Em *Os devaneios do caminhante solitário*, o fio da memória da vida do sujeito é retomado, tecendo o itinerário de sua vida. Não obstante o Romantismo ter sido um movimento que exerceu, de forma incisiva, sua força e seu poder contra a estética classicista, marcadamente impulsionada por Rousseau, que influenciou o pensamento no mundo, constatamos que o sentimento inerente ao ser humano perpassa suas obras. Assim, a busca recorrente do sujeito lírico nas obras em discussão configura a presença do mito, o que nos instiga a discorrer sobre o modo como esse elemento se delineia, no discurso das referidas obras, conforme nossa análise.

Palavras-chave: Rousseau. Confissões. Devaneios. Mito. Narrativa Poética.

Abstract: The article seeks to investigate the myth present in the poetic discourse of *The Confessions* and *Reveries of the Solitary Walker* by Jean-Jacques Rousseau. Based on a reading of the aforementioned works, we aim to present the trajectory of the myth within the fabric of Rousseau's language, expressed through the subject's sentiments, which attest to the lyricism of these writings. A closer examination of *The Confessions* reveals a primordial lack that underpins and motivates the "self's" quest throughout its existence. At its core, this refers to the absence of the mother, an indelible mark on Rousseau's destiny. This phenomenon has proven to be a determining factor in the life trajectory of individuals, as observed in oral narratives where a child loses their parents. Such examples include stories told and heard in the past or present—be they fairy tales or accounts of real lives—which continue to captivate the spirits of their listeners. In *Reveries of the Solitary Walker*, the thread of the subject's life memories is taken up again, weaving the itinerary of their existence. Despite Romanticism being a movement that decisively asserted its force and power against classical aesthetics, with Rousseau playing a pivotal role in inspiring this shift in global thought, we observe that the emotions intrinsic to the human condition permeate his works. Thus, the recurring quest of the lyrical subject in the works

¹ Doutora em Letras pela UERN; Mestre em Letras pela UNESP e Graduada em Letras pela UFPB. Professora Nível Associado da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), lotada na Unidade Acadêmica de Letras (UAL) do Centro de Formação de Professores (CFP), Campus de Cajazeiras, PB. Email: maria.dionizio@professor.ufcg.edu.br.

under discussion reveals the presence of myth, prompting us to explore how this element is delineated in the discourse of these writings, according to our analysis.

Introdução

Partimos do pressuposto de que a ambiguidade constitui um traço inerente à linguagem, visto que, o signo, na acepção de Ernst Cassirer (2006, p. 21), “[...] esconde em si o estigma da mediação, o que o obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar”. Isso mostra-se potencializado quando lidamos como a com a narrativa, especialmente a poética, que parece deslizar no tempo-espaço em que uma história é contada.

Nessa perspectiva, reportamos ao pensamento de Cassirer (2001, p. 80), quando, em *A filosofia das formas simbólicas*, ele afirma que: “O mundo da linguagem envolve o ser humano a partir do primeiro momento em que dirige o seu olhar para ele, apresentando-se-lhe com a mesma determinação, necessidade e objetividade que definem o seu encontro com o mundo das coisas”. Neste sentido, de acordo com esse filósofo, a palavra é parte do ser. Cassirer (2001, p. 80) ressalta que “a concepção mítica da linguagem, que em toda parte precede a filosófica, caracteriza-se sempre [pela] indiferença entre palavra e coisa”.

Na acepção de Cassirer (2001, p. 86), “o conteúdo linguístico”, de forma concomitante, revela e esconde a “[...] verdade do ser, [que] sempre é, simultaneamente, pura designação e mera alusão. [...] A linguagem encerra um sentido oculto a ela própria, que ela somente pode decifrar por conjeturas, através da imagem e da metáfora”. Assim sendo, implícito ao não, pressupõe-se um sim, e vice-versa. Ou seja, diante de uma negação subjaz uma afirmação, do mesmo modo que esta pressupõe o seu contrário. Neste jogo dialético o discurso se tingem de poesia, que aparece como expressão que representa imagens, por meio dos signos, os quais espelham, multifacetariamente, os sentidos múltiplos que a linguagem ostenta e suscita, conforme observamos nas obras rousseauianas em discussão.

Assim, deparamo-nos com a narrativa de Rousseau, enquanto, como leitores atentos, o acompanhamos absorvidos por cada detalhe apresentado em sua obra *As confissões*. Nesta obra, deparamo-nos com linguagem e estilo que lhe imprimem um caráter singular. Nela, observamos que as marcas impressas pelos signos linguísticos, ou o silêncio que denotam a ausência destes, abrem margem para o leitor inferir sobre o que sua sensibilidade poderá lhe despertar, de acordo com sua leitura sobre a realidade.

Desse modo, em busca de reconstituir sua história por meio dos *flashes* da memória, a narrativa de Rousseau se faz mito, ao mesmo tempo que também o torna, enquanto homem,

escritor, romancista, filósofo, poeta e cidadão do mundo, à medida que, ao regressar ao início de sua vida, integra passado, presente e futuro que o projeta rumo ao infinito.

Discussão

Com base nesse entendimento, remetemos ao que postula Mircea Eliade (1986, p. 16), em *Mito e realidade*: “O mito ensina ao homem arcaico as histórias primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência [...]”. Eliade (1986, p. 16) assinala que “Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também, de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje [...]”. Neste sentido, ainda dizendo com Eliade (1986, p. 16), a narrativa mítica também constitui e se confunde com o homem que a narra.

Eliade (1986, p. 23) ressalta que “O mito [é] uma narrativa que faz reviver a necessidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social [...] O mito [...] é um ingrediente vital da civilização humana [...]”, e, como tal, é “uma realidade viva”. Não à toa, Rousseau atuou como um crítico arguto e incisivo da sociedade de sua época, contrapondo-se às falsas aparências e opacidades - atitudes e comportamentos hipócritas da burguesia, em função de seu discurso incoerente com a prática.

Diante disso, conforme pontua Jean Starobinski (1991, p. 34), “Rousseau [...] observou uma discordância entre os atos e palavras dos homens; essa diferença se explicita por outra diferença, a do ser e a do parecer”. Com este comentário, Starobinski mostra que, em sua indignação, Rousseau descortina a tela que mascara a hipocrisia social da classe que ostentam as aparências para esconder a verdade. Assim, o discurso dos homens não coaduna com a sua prática, estabelecendo assim uma contradição, bem como a diferença entre ser e parecer. Desse modo, a sociedade viola a natureza, ao estabelecer com esta “[...] um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens” (Starobinski, 1991, p. 35).

Em defesa de suas ideias, Rousseau desmascarou a mentira, quando os fatos e atitudes escamoteavam a verdade, mostrando ser o que não era, e desvelou essa clivagem no ser humano. Ao agir desse modo, ele assumiu uma postura irreverente, insubmissa e contestatória em relação às convenções clássicas, para deixar fluir as emoções, e dar vazão à imaginação criadora,

transgredindo os limites impostos pelos padrões estéticos rígidos que primavam pela lógica e pelo racional.

Nessa perspectiva, conforme afirma Karin Volobuef, em “Rousseau, Hoffmann e a criatividade romântica”, capítulo inserto na obra *Reflexos de Rousseau*, organizado por José Oscar de Almeida Marques,

A arte e o gênio encontram-se no limiar da transposição do humano. Por meio dela, o homem expressa sua ânsia de erguer-se acima das limitações da carne e atingir o sublime paradisíaco. Essa ânsia, alimentada pela permanente insatisfação, leva o gênio a tentar romper todas as algemas que o prendem à miséria humana. Seu espírito é o da transgressão por excelência, o que o leva, em última instância, a tornar-se demoníaco. Inconformado e desafiador, torna-se tanto mais infernal quanto maior for seu ímpeto rumo ao sagrado. E sua arte é como a dádiva titânica do fogo: carrega em si as faíscas da criação divina, ao mesmo tempo em que está marcada pelo suplício eterno da expulsão (Volobuef, 2007, p. 35).

Partindo desse pressuposto, torna-se possível ir além do que está escrito, provocado pelas sugestões de imagens do mundo que a linguagem poética recria, a cada leitura realizada, conforme a experiência estética do leitor. Neste sentido, a condição humana representada na obra, convida o leitor a enxergar o desnudamento da poesia, impresso na estrutura da narrativa.

Dessa maneira, em meio a cada fato narrado, não obstante o sofrimento experimentado por Rousseau, que ficou órfão na infância, e, ainda, responsabilizado pelo pai por esse infortúnio, percebemos que seu destino, mesmo marcado por adversidades, beneficiou a História, haja vista tudo poder ter sido diferente, caso esse filósofo tivesse sido criado por sua mãe.

Em que pese esse raciocínio parecer perverso, compreendemos, a partir da observação da realidade, que a orfandade tornou-se uma das razões para que muitas narrativas, desde tempos remotos, a exemplo do que vemos em narrativas orais que reverberaram nos contos de fadas, fossem cada vez mais difundidas e encontrassem respaldo nas mais variadas formas de expressão artística até a atualidade. Esse nosso raciocínio é corroborado nas palavras de Volobuef (2011, p. 1), em sua “Apresentação” da obra *Mito e magia*, por ela organizada, quando esta pesquisadora afirma que “Mitos, contos de fadas, lendas e fábulas são formas que herdamos de antiquíssimas tradições orais [...] têm visitado continuamente a arte, a literatura e a produção do Ocidente [cujo] fazer poético se revitalizou na fonte do imaginário popular”, impulsionado pelo Romantismo.

Diante disso, conferimos, em *As confissões*, uma falta primordial que fundamenta e motiva a busca do “eu” no decurso da narrativa. Trata-se, em princípio, da ausência da mãe, que marcará, de forma indelével, o destino de Rousseau. Isso é reiterado na referida obra, a partir dos depoimentos do eu-lírico, quando este rememora suas impressões e sensações ao entrar em contato com a natureza, como vemos nas seguintes passagens da referida obra, as quais destacamos em uma análise em que abordamos “O lirismo amoroso na obra *Júlia ou a Nova Heloísa*, de Jean-Jacques Rousseau” (Santos, 2018, p. 196), quando este filósofo se deslumbra com a beleza e o bem-estar que o campo lhe propicia: “Tomei por ele um amor tão forte que nunca pôde extinguir-se. A lembrança dos dias felizes que ali passei fez com que tivesse saudades daquela estadia e de seus prazeres, em todas as idades, até àquela que para lá me levou novamente. [...]”. O encantamento com a novidade da paisagem campestre paradisíaca, assim como a referência à beleza de sua mãe, cujas “[...] imagens, [apresentadas pelo] narrador-personagem em, *As confissões*, [revelam uma mulher] sensata, virtuosa e linda: “a beleza de minha mãe, seu espírito, seus dons, atraíram-lhe homenagens” (Rousseau, 1965, *apud* Santos, 2018, p. 197).

Todo o esmero empenhado por Rousseau ao narrar sua história suscita reflexões sobre seu discurso, visto que, ao tempo que se torna instigante, deixa margens em sua tessitura que nos levam a especular a respeito do que esse filósofo teria para contar sobre si, bem como sobre sua mãe, se, após o seu nascimento, seu pai não lhe relatasse acontecimentos de suas vidas?

Ao iniciar *As confissões*, Rousseau toma para epígrafe a seguinte expressão latina: “Intus et in cute”, que significa, na tradução de Wilson Lousada: “Do íntimo do ser”. A escolha por esse sintagma prenuncia a profundidade do que será narrado, escavado do âmago do ser, e propicia ao leitor uma noção do caráter do que será relatado na obra supramencionada. A fim de elucidar nossa análise e discussão, destacamos, a seguir, o parágrafo inicial da referida obra: “Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu” (Rousseau, 2018, p. 13).

Nessa declaração do narrador-personagem, percebemos, nas marcas de sua narrativa, altivez que integra a personalidade do sujeito da história. Da mesma forma, a disposição em revelar “a verdade de sua natureza” humana aos seus semelhantes desperta a atenção necessária do leitor dessa obra para acompanhar as vicissitudes do sujeito que, no desejo de ser transparente, em sua autenticidade evidenciará vícios e virtudes próprias do ser humano.

Atemo-nos aqui, em que pese estarmos tratando do pensamento de Rousseau, à vulnerabilidade a que o ser humano está exposto, e, portanto, propenso, em seu destino, às armadilhas da vida. Aliás, o próprio narrador, em seu elevado estado de euforia, evoca o “Eterno”, ao tempo em que conclama e desafia os humanos, seus semelhantes, conforme mostra o seguinte recorte da mesma:

Reúne ao redor de ti a inumerável multidão de meus semelhantes, que eles escutem as minhas confissões, que deplorem minhas indignidades, que enrubescam diante de minhas fraquezas. Que cada um deles, por sua vez, com a mesma sinceridade, ponha a nu o coração diante de teu trono e depois que um só te diga, se o ousar: *Fui melhor do que esse homem* (Rousseau, 2018, p. 13).

No ano de 1764, aos 52 anos de idade, Rousseau iniciou *As confissões*, obra que envolveu toda a vida desse filósofo, publicada postumamente. De acordo com Wilson Lousada (2018, p. 8), no Prefácio dessa obra, “Rousseau sempre viveu mais pela imaginação do que pela realidade [...]. Precocemente conduzido por uma imaginação romanesca e transbordante, esse guia nunca mais o abandonou até o fim da vida [...] Rousseau fez da sua vida um autêntico romance [...]”. Dessa forma, ainda de acordo com Lousada (2018, p. 8), através d’*As confissões*, é possível vislumbrar “a imagem do romancista, do filósofo, do educador e do político [...]”. Lousada acrescenta que

[...] o amor à natureza e o predomínio do sentimento sobre a razão, ou pelo menos fazendo da sensibilidade a grande mola impulsora de sua obra, principalmente na *Nova Heloísa*, em *As confissões* e nos *Devaneios de um passeante solitário*, J.J. Rousseau deixou em sua época o primeiro germe do romantismo oitocentista [...]” (Lousada 2018, p. 10).

Na segunda página de *As confissões*, num tom romântico, Rousseau trata sobre o sentimento amoroso que estabeleceu elo entre seus pais, desde que se conheceram, na infância: “Seus amores começaram quase com suas vidas; [...] aos dez anos não podiam mais ficar separados. [...] Ambos ternos e sensíveis por natureza, [...] cada qual entregou o coração ao primeiro que se abriu para recebê-lo” (Rousseau, 2018, p. 14).

É notável como Rousseau investe seu potencial criador para se imbuir de um discurso sobre um passado que afirma ser o seu, sem nos contar quem lhe falou sobre a história de seus pais, cuja consistência desperta a curiosidade do público quanto ao teor de sua poeticidade.

Esse sentimento irá se reverberar nas mais diversas histórias que tenham como cunho estético o romantismo, que será marcado pela ilogicidade, e por temas fundamentais que

envolverão destino, mistério, paixão, noite, sonho, fantasia, delírio, impotência diante dos fatos da realidade, oposição ao mundo, nostalgia, dor, tristeza, angústia, solidão, morte, entre outros.

Desse modo, de acordo com Rousseau (2018, p. 14), a união de seus pais aconteceu, a despeito do “[...] destino que parecia contrariar-lhes a paixão [...]”. Por ser a mãe de Rousseau, segundo o próprio, bela e rica e sensata, ocupava uma posição incompatível com a do seu pai, um simples relojoeiro. Por isso,

O jovem apaixonado, não conseguindo obter sua amada, consumia-se de dor; ela aconselhou-o a viajar para esquecê-la. Ele viajou sem resultado, e voltou mais apaixonado do que nunca. Encontrou a amada terna e fiel. Depois dessa prova, só lhes restava amarem-se a vida inteira; assim o juraram e o céu abençoou o juramento (Rousseau, 2018, p. 14).

Nos recortes acima, encontramos o cerne do pensamento que sedimentou a base do Romantismo. Trata-se de uma história análoga às narrativas tradicionais orais que remontam a Idade Média, mas que até então repercutem no imaginário popular, bem como em obras literárias dirigidas ao público infantil.

Assim, percebemos nessa obra de Rousseau, em especial no modo com que ele conta a história de amor de seus genitores, o teor narrativo que estrutura o conto de fadas. Contudo, a promessa de felicidade do Romantismo se rompe com o fim trágico da mãe de Rousseau (2018, p. 15), conforme observamos no seguinte trecho d’*As confissões*: “Meu nascimento custou a vida de minha mãe, e foi a primeira de minhas infelicidades”.

A propósito disso, convém ressaltar que o Romantismo foi um movimento que exerceu, de forma incisiva, força e poder contra a estética classicista, marcadamente impulsionado pelo referido filósofo, que exerceu grande influência nas atitudes e ideais de artistas, intelectuais escritores, poetas e pensadores, no mundo, em defesa da liberdade de imaginação e criação de suas obras. Essa influência propiciou a ruptura com os padrões formais rígidos, permitindo a inovação e a transformação da arte e da sociedade, e abrindo espaço para a inserção do povo na representação artística e literária.

Nessa perspectiva, constatamos que a expressão dos sentimentos do sujeito lírico manifestada n’*As confissões* e n’*Os devaneios do caminhante solitário* atesta a presença do lirismo em suas narrativas. Na primeira obra, deparamo-nos com as seguintes afirmações do narrador-personagem: “Senti antes de pensar; é o destino da humanidade. Mais do que qualquer outro, eu o experimentei” (Rousseau, 2018, p. 16).

A partir dessas assertivas, passamos a refletir sobre o que dá a convicção ao “eu” emissor de que o seu sentir foi experimentado com mais intensidade que “qualquer outro”? Essa exacerbação, conferida na figura do “eu”, foi tomada à risca, por muito tempo, pelos sucessores de Rousseau, adeptos da estética do Romantismo.

A propósito dessa estética, José Oscar Marques (2007, p. 45), o conceito de gênio evidenciado no Romantismo o ultrapassou de tal modo que, ao poeta, recaiu sua importância pelo seu potencial criador, cuja originalidade e sensibilidade fecunda estabelecia a “mediação entre o divino e o humano”.

O discurso poético de Rousseau torna-se patente nessas obras, em especial quando a expressividade do eu-emissor domina o espaço e o narrados, requisitando para si a atenção do leitor. Desse modo, em *Os devaneios do caminhante solitário*, na Segunda Caminhada, o narrador-personagem afirma, sobre suas “caminhadas solitárias e dos devaneios”, que: “Essas são horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou eu mesmo e me pertencem [...] e nas quais posso verdadeiramente dizer o que sou [...]” (Rousseau, 2017, p. 23). Este pensador acrescenta:

O hábito de refletir sobre mim mesmo [...] me fez perder o sentimento e quase a recordação de meus males; descobri [...] que a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar realmente miserável aquele que sabe que quer ser feliz [...]. Quatro ou cinco anos atrás eu experimentava essas delícias internas, que, na contemplação, as almas afetuosas e doces se encontram. [...]. Desejando recordar tantos devaneios, em vez de descrevê-los, eu tornava a cair neles (Rousseau, 2017, p. 23-24).

Marques (2007, p. 46) ressalta que, em Rousseau, “[...] na sensibilidade capaz de gerar os arroubos líricos dos *Devaneios do caminhante solitário*, [...] o entusiasmo assume papel preponderante”. Marques (2007, p. 46) afirma que o filósofo genebrino pôs “[...] no certo valorativo de toda arte, um indivíduo em toda a sua riqueza interior; fosse ela vislumbrada por seus anseios, seus medos ou suas paixões, não importava: ela era indício do deus tutelar do Eu, o próprio entusiasmo genial”.

De acordo com Marques (2007, p. 47), “[...] se o gênio alija o artista dos demais, ele o faz porque eleva seu eleito a alturas inimagináveis [...]”. Dessa forma, no dizer de Marques (2007, p. 49), além de fundar “um arquétipo genial, [...], ao colocar-se como personagem titânico de si mesmo, [Rousseau] identifica-se com o próprio arquétipo, torna-se o próprio arquétipo”.

Nessa esteira de pensamento, ao abordar uma análise profícua sobre a retórica do discurso na obra rousseuniana, em “A retórica da sensibilidade e a renovação das formas literárias: repercussão dos devaneios do caminhante solitário nos séculos XIX e XX”, Adalberto Luiz Vicente afirma, que, na “Experiência pessoal vivenciada de modo intenso, a precedência do sentir ao pensar parece relativizar as potencialidades da razão que não mais ocupa o centro da cena” (Vicente, 2012, p. 167).

Dessa forma, na Primeira Caminhada, Rousseau (2017, p. 19) reitera o seu isolamento social, visto em *As confissões*, como confirmam ao seguinte excerto: “Não tenho mais neste mundo, nem próximo, nem parente, nem irmão”. A repetição, nesse caso, é própria do fazer poético, tendo assim um efeito enfático na condição do sujeito e seu estado de poesia. Neste sentido, talvez, Rousseau tenha como propósito retomar seu pensamento expresso na obra citada, como o faz em relação à obra *Os diálogos*. Isso fica evidente nas seguintes palavras desse filósofo: “Eu sentia esse efeito nas caminhadas que sucederam ao projeto de escrever as sequências de minhas *Confissões*” (Rousseau, 2017, p. 24).

Desse modo, no espaço-tempo que se configura o mito, nas obras em discussão, a poesia se imprime na narrativa e encanta o leitor que segue a história absorvido pelas imagens matizadas nas palavras criteriosamente organizadas no discurso de Rousseau. Exemplo disso são as descrições poéticas do espaço-tempo que se apresentam no itinerário do personagem, conforme observamos no seguinte trecho d’*Os devaneios do caminhante solitário*:

Na quinta-feira, 24 de outubro de 1776, após o jantar, segui pelos bulevares até a rua do Chemin-Vert, por onde alcancei as colinas de Ménilmontant, e, de lá, seguindo pelas veredas através das vinhas e das pradarias, atravessei até charonne a aprazível paisagem que separa essas duas aldeias. [...] Divertia-me percorrê-las com o prazer e o interesse que sempre me proporcionaram os sítios agradáveis, detendo-me, por vezes, para observar as plantas na vegetação (Rousseau, 2017, p. 24).

Para o leitor que ainda não parou para pensar a imagem poética do campo, Rousseau o toma pelas mãos e com ele faz, generosamente, um percurso pelas trilhas onde a natureza, para além de Paris, possibilita o (re)encontro do ser humano com a beleza e a simplicidade das coisas nas quais mora a felicidade de quem as apraz.

Dando sequência à sua narrativa, ainda em sua Segunda Caminhada, na apreciação das paisagens campesinas, Rousseau afirma que: “Havia alguns dias se encerrava a vidima; [...] O campo – ainda verde e ridente, mas desfolhado e já quase deserto – oferecia por todo lado a imagem da solidão e da proximidade da estação fria. Resultava de seu aspecto uma mistura de impressão doce e triste, demasiado análoga à minha idade e à minha sorte para

que eu não a aplicasse a mim. Eu me via no declínio de uma vida inocente e desafortunada, com a alma ainda repleta de sentimentos vivazes e o espírito ainda ornamentado por algumas flores, já murchas pela tristeza e ressecadas pelos dissabores. Sozinho e desprezado, sentia chegar o frio das primeiras geadas, e minha imaginação, exaurindo-se, não mais preenchia minha solidão com esses formados de acordo com meu coração. Eu me dizia, suspirando: o que fiz neste mundo? Era feito para viver – e morro sem ter vivido (Rousseau, 2017, p. 25).

A busca recorrente do narrador-personagem dessas obras, evidenciada na solidão de um eu que se contrapõe ao mundo hostil, n’*As confissões*, bem como na marcha de um sujeito que, solitário, dá as costas à sociedade, e se volta à natureza, n’*Os devaneios do caminhante solitário*, configura a presença do mito, o que nos instiga a discorrer sobre o modo como esse elemento se delinea, no discurso literário de Rousseau, conforme fica patente nos seguintes destaques d’*As confissões*: “Somente eu. [...] não sou da mesma massa daqueles com quem lidei; ousou dizer que não sou feito como os outros” (Rousseau, 2018, p. 13).

De acordo com Adalberto Luiz Vicente (2012, p. 173), “A arte e o encanto das *Confissões* enquanto texto narrativo está [...] no fato de Rousseau ser fiel à linearidade temporal, sem cair na monotonia, pois sabe dosar [...] a diversidade de tons e o estilo, que se mostra ora rápido, ora difuso; ora sóbrio, ora eufórico; ora grave, ora irônico”.

Ao abordar a retórica n’*Os devaneios do caminhante solitário*, Vicente (2012, p. 170) assinala que, “[...] Rousseau deixa-se levar pela exuberância verbal e cria um discurso no qual o leitor moderno sente o exagero de uma sensibilidade exacerbada”. No entendimento desse pesquisador, esse leitor vê “[...] com desconfiança iônica as passagens em que Rousseau pretendia representar de forma dramática as inquietações de sua alma” (Vicente, 2012, p. 170). Este autor assinala que o caráter inovador e revolucionário dessa obra de Rousseau imprime “[...] uma retórica da sensibilidade de grande repercussão na literatura romântica [...]”, e reitera que “*Os Devaneios do caminhante solitário*, afirmam uma retórica da sensibilidade, pois vão sugerir às novas gerações uma forma de expressão mais livre, menos sujeita às regras estanques impostas pela tradição clássica [...]” (Vicente, 2012, p. 171).

Dessa forma, o potencial inventivo de Rousseau, que propõe a mistura e a dissolução de gêneros e formas literários, para ficarmos no exemplo dessa obra, dá a impressão de imprecisão em seu discurso, em conformidade com Vicente (2012, p. 171), que “[...] parece não assumir a forma de um gênero preciso [...],” mas plural e “mista”.

Ao tratar sobre “O mito como resistência”, em sua obra *O ser e o tempo da poesia* (1997, p. 149), Alfredo Bosi afirma que “O caminho que leva a descobrir “[...] o mito, o rito e o sonho, abriu-se [...] na Inglaterra e na Alemanha pré-românticas ao tempo da primeira revolução industrial”.

Com base nesse raciocínio, compreendemos, de modo análogo, que, n’*As confissões*, o homem escapa à realidade e busca refugiar-se no tempo de sua infância, numa reconexão com o passado perdido, através da memória. Assim, o retorno à infância através da “[...] memória, como forma de pensamento concreto e unitivo, é o impulso primeiro e recorrente da atividade poética”, conforme Alfredo Bosi (1997, p. 152).

Dessa forma, ainda de acordo com Bosi (1997, p. 155), por meio da arte, o poeta passa a “Reinventar imagens da unidade perdida, [...] modo que a poesia do mito e do sonho encontrou para resistir a dor das contradições que a consciência vigilante não pode deixar de ver”.

Assim, a escolha do autor por determinados temas a serem narrados em suas obras, remonta à fonte primeira de suas histórias, fonte esta que, revisitada através da memória do autor, revela o mito em sua linguagem, na medida em que funda a sua narrativa baseada nessa fonte, consolidando o mito, que, por ser narrativa, resiste.

Em “O mito como resistência”, Bosi (1997, p. 149) afirma que “O caminho que leva a redescobrir fontes não contaminadas, o mito, o rito e o sonho, [...] percorre as voltas da memória, os labirintos do Inconsciente; e [...] surpreende [...] liames e analogias novas que formam o cerne dos seus procedimentos simbólicos”.

Sobre o mito, relacionado às narrativas de Rousseau, ressaltamos que, embora seja de difícil definição, “[...] é uma realidade complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”, conforme concebe Mircea Eliade (1986, p. 11). Neste sentido, Eliade compreende que “[...] o mito relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. [...] O mito fala apenas do que ‘realmente’ ocorreu, do que se manifestou plenamente”. Nessa perspectiva, compreendemos que a presença da poesia impressa na linguagem artístico-literária dessa obra configura o itinerário do mito, cujo espaço-tempo narrado nessas obras de Rousseau constituem o arcabouço que envolve a experiência humana.

Em “O romantismo dos devaneios”, Guacira Marcondes Machado (2012, p. 177) destaca que “Rousseau [...] inicia a Primeira Caminhada como se ela fosse uma continuação das *Confissões*”. Machado observa que muitos estudiosos de Rousseau comentaram essa

afirmação que ela endossa e ilumina. Percebemos, assim, que, n’*Os devaneios do caminhante solitário*, há uma conexão dialógica com a obra confessional do autor, como processo de construção tecida no fio de memória que une os ambas as obras.

Gaston Bachelard (2001, p. 13) afirma, ao discorrer sobre o “devaneio poético”, em sua obra *A poética do devaneio*, que “Somos [...] entregues à inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa ‘função do real’ obrigam-nos a adaptar-nos à realidade como uma realidade a fabricar obras que são realidades”. Esse entendimento de Bachelard nos remete ao pensamento de Rousseau, em sua obra *Os devaneios*, quando, tendo perdido as esperanças no mundo, este filósofo declara, na Segunda Caminhada, afirma ter descoberto a “[...] maneira mais simples e mais segura de [...] manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem [é] quando deixo minha mente inteiramente livre e minhas ideias seguirem sua inclinação [...]” Rousseau (2017, p. 23).

Bachelard (2001, p. 13) acrescenta que “Há horas na vida de um poeta em que o devaneio assimila o próprio real. O que ele percebe é então assimilado. O mundo real é absorvido pelo mundo imaginário”. Neste particular, a fenomenologia da percepção do real dá lugar à fenomenologia da criação/imaginação, quando o poeta recria o mundo, a realidade, representando-a.

A propósito disso, remetemos a Rousseau (2017, p. 23), quando, na obra supracitada, este filósofo expõe seu declínio: “Minha imaginação, [...] não se exalta mais como no passado pela contemplação do objeto que a anima; inebrio-me menos com o delírio do devaneio. Há mais reminiscência do que criação do que hoje ela produz; [...] eu não existiria mais senão por recordações”. Não obstante o desencantamento do mundo observado em sua obra, o poeta não cessa de criar, conforme atesta a produção de Rousseau, confirmando, desse modo, as palavras de Bachelard.

Ainda de acordo com Bachelard (2001, p. 14), “a imaginação é capaz de nos fazer ‘criar aquilo que vemos’. [E] a própria fenomenologia da percepção deve ceder o lugar à fenomenologia da imaginação criadora”. A análise desse pensador fundamenta e ilumina nossa compreensão sobre as imagens apresentadas n’*As confissões*, através das quais percebemos que a criança é embalada pelo adulto/poeta, que, em sua solidão, retorna à infância.

Nessa perspectiva, em “Os devaneios voltados para a infância”, Bachelard (2001, p. 95) afirma que “[...] as imagens da infância [...] imagens que um poeta diz que uma criança fez,

são para nós imagens de uma infância permanente. São imagens da solidão. Falam da continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios de poeta”.

Assim, segundo esse pensador, a criança que é embalada pelo poeta dialoga com a criança que habita o leitor: “[...] é assim que há comunicação entre o poeta da infância e seu leitor, por intermédio da infância que dura em nós” (Bachelard, 2001, p. 95-96). Para este autor, “O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice (Bachelard, 2001, p. 96). Neste sentido, Bachelard acrescenta que: “Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios [...]”, quando passamos a habitar o “[...] mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens. [...] O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras” (Bachelard, 2001, p. 97).

Nessa polarização do poético entre presente (o aqui e o agora) e passado (regresso à infância através da memória), perpassa o desejo de imortalidade do eu que se pretende eterno, postergando a morte. Desse modo, através da narrativa, observamos o retorno em busca de um tempo que se perdeu no passado pelo eu, o qual pretende perenizar sua existência, através de relatos e testemunhos de sua experiência.

Assim, as declarações que o leitor acompanhará n’*As confissões* encontrarão elo n’*Os devaneios do caminhante solitário*, cujo fio da memória da vida do sujeito-lírico é retomado, trilhando o itinerário de sua existência. A respeito desta última obra, é o próprio Rousseau (2017, p. 20) que afirma que ela pode ser vista “[...] como um apêndice de [suas] *Confissões*.

No discurso das memórias narradas por Rousseau, em *As confissões*, o mito aparece configurado na transmissão do relato de seu genitor, a narrativa primordial, ou o ponto de partida para desencadear as lembranças de infância de Rousseau. Sem isso, não haveria o que ser narrado, visto que o narrador-personagem dessa obra não teria onde nem como escavar suas lembranças de infância, desde o seu nascimento, há mais de meio século passado, para comunicar ao mundo os acontecimentos que o envolveram.

Desse modo, o fato que influencia no destino de Rousseau trata sobre sua vida, e é narrado por seu pai, autoridade incontestável que imprime coerência e veracidade, o que atribui credibilidade ao que é contado na referida obra. Neste sentido, o teor mítico dessa narrativa é atestado pelo caráter trágico e sagrado conferido aos ritos da natureza, a exemplo da vida em oposição à morte, ou do itinerário da existência, o que caracteriza a presença da poesia impressa na obra supracitada.

Destacamos em seguida, excertos dessa obra, nos quais Rousseau narra o vazio deixado pela ausência de sua mãe, que iluminam nossa compreensão a respeito da poética que perpassa a linguagem d'*As confissões*:

Não soube como meu pai suportou esta perda, mas si que jamais se consolou. Julgava revê-la em mim, sem poder esquecer-se de que eu lha tinha tirado; nunca me abraçou sem que eu sentisse em seus suspiros, em seus abraços convulsivos, que um amargo pesar mesclava-se às carícias: que eram mais ternas. Quando me dizia: Jean-Jacques, falemos de tua mãe; eu lhe respondia: Pois bem! Meu pai, vamos então chorar; e só esta observação arrancava-lhe lágrimas (Rousseau, 2018, p. 15).

Vemos no espaço-tempo narrado nesse recorte, a dimensão do sofrimento decorrente perda do de um membro da família, cuja falta gera desconforto emocional entre os demais. No decurso da narrativa, deparamo-nos com incertezas do narrador a respeito de lembranças do tempo em que os fatos foram acontecendo, conforme vemos nos seguintes destaques:

Ignoro o que fiz até os cinco anos. Não sei como aprendi a ler; lembro-me somente das minhas primeiras leituras e do efeito que me produziram: é o tempo de onde começo a contar sem interrupção a consciência de mim mesmo. Minha mãe tinha deixado romances; pusemos-nos a lê-los depois da ceia, meu pai e eu. A princípio não se tratava senão de me exercitar na leitura por meio de livros que divertissem; em breve, porém, o interesse tornou-se tão vivo que líamos alternadamente, sem interrupção, e passávamos noites assim ocupados. Não podíamos abandonar a leitura senão no fim do volume. Algumas vezes meu pai, ouvindo as madrugadoras andorinhas, dizia muito envergonhado: Vamos nos deitar; sou mais criança do que tu (Rousseau, 2018, p. 16).

O hábito de leitura precoce e arriscado de romances acelerou o desenvolvimento intelectual de Rousseau, facilitando, segundo o próprio: “[...] uma compreensão extraordinária das paixões. Não formava nenhuma ideia sobre as coisas, e já todos os sentimentos me eram conhecidos. Nada tinha concebido, tudo havia sentido” (Rousseau, 2018, p. 16).

Pensar sobre o mito, nessa perspectiva, é indissociá-lo do aspecto tempo-espaço, os quais constituem o “arcabouço” que envolve a humanidade e tudo o que a compreende, conforme concebe Cassirer (1977, p. 75), em sua obra *Antropologia filosófica*, no capítulo “O mundo humano do espaço e do tempo”, ao afirmar que o espaço e o tempo são o arcabouço que sustenta toda realidade”. Este filósofo acrescenta que o espaço e o tempo são elementos considerados “[...] as grandes forças misteriosas que governam todas as coisas, que dirigem e determinam não só a vida mortal, mas também a vida dos deuses” (Cassirer, 1977, p. 75).

Nesse sentido, em sua obra *Literatura y mito*, Furio Jesi afirma, no capítulo “Símbolo y silencio”, que

[...] los símbolos y las genuinas imágenes míticas poseen una singular individualidad existencial que se altera tan pronto como el mito sufre una tecnificación [...] y la muerte – imagen de la nada – prevalece sobre la consciência hasta el punto de impedirle el equilibrio áureo entre luz y oscuridad (Jesi, 1972, p. 22).

No intuito de discorrer sobre a narrativa poética nas obras rousseauianas em discussão, remetemos à abordagem de Jean-Yves Tadié, que trata a esse respeito em *Le récit poétique*. Dessa forma, para o referido autor, “a narrativa poética é um fenômeno de transição entre o romance e o poema [ela] conserva a ficção de um romance [...]. Mas, ao mesmo tempo, o processo de narração retoma o poema, [...]” (Tadié, 1997, p. 7 – tradução livre). Este autor acrescenta que “toda narrativa poética, para durar no seio da natureza, deve se fazer itinerário [...]” (Tadié, 1997, p. 9 – tradução livre).

Dessa forma o espaço, relacionado ao tempo, é o lugar privilegiado da busca que se faz itinerário: “[...] aquele de uma viagem orientada e simbólica”, segundo Tadié (1997, p. 9 – tradução livre). Ou seja, o espaço, na narrativa poética, “[...] tem uma linguagem, uma ação, uma função, e pode ser a principal; sua casca abriga a revelação. [Assim], a narrativa poética [...] se põe a serviço de uma busca, aquela de um instante privilegiado, que vai da espera [...] ao encontro” (Tadié, 1997, p. 9 – tradução livre).

De acordo com Saes (2017, p. 12), “[...] os devaneios são continuidade ao trabalho introspectivo das *Confissões*, mas evocam [...] a liberdade do indivíduo dos constrangimentos da sociedade”. Trata-se, segundo Saes, da busca pela “emancipação”, cuja “liberdade [...] tende, no mundo corrompido, a se realizar mais na abstenção do que nas boas ações. É esse o tema da Sexta Caminhada, na qual [Rousseau] examina os laços de obrigação que os atos de generosidade tendem a estabelecer entre o benfeitor e o favorecido”. Neste sentido, a ideologia do favor vigora nessas relações políticas, econômicas e sociais que se projetam na cultura, conforme a presenciamos em nossos dias, a exemplo do apadrinhamento e do clientelismo políticos. Diante disso, conforme acrescenta Saes,

A vida ociosa, intensamente vivida na Ilha de São Pedro (tema da Quinta Caminhada), representa seu mais alto ideal de felicidade. Resignação, abstenção, indiferença, contemplação, ócio: a atitude do filósofo diante da vida que se esvai é definitivamente marcado pela passividade, única atitude possível no mundo dominando pelo vício (Saes, 2017, p. 12-13).

Essas considerações de Saes, a respeito da “atitude” de Rousseau, nos remete ao ultrarromantismo, fase do movimento romântico literário em que o poeta, avesso às corrupções

entre outros problemas da sociedade, recolheu-se, em sua impotência, ao isolamento e à solicitação, exilando-se, voluntariamente, voltando, assim, as costas à sociedade, e entregando-se ao ócio.

Nesta perspectiva, a propósito desse recolhimento escolhido para levar uma vida solitária, recorremos ao que afirma Tadié em sua obra supramencionada, quando este autor concebe a ilha como um espaço privilegiado. Ou seja, a solidão, neste contexto, torna-se um privilégio ao poeta poder usufruir desse espaço da natureza propício à criação.

Percebemos, desse modo, haver uma evidente retomada d' *As confissões*, quando, nesta, o narrador-personagem afirma: “[...] eis como me tornei filho único” (Rousseau, 2018, p. 17), e um encadeamento discursivo que obedece a uma sequência n' *Os devaneios do caminhante solitário*, conferida no início do primeiro parágrafo da Primeira Caminhada, na expressão integra-se à da obra anterior, no mesmo tom de melancolia: “Eis que me encontro, então, sozinho na Terra, não tendo outro irmão, próximo, amigo ou sociedade além de mim mesmo” (Rousseau, 2017, p. 15).

Esse drama do narrador-personagem é reiterado e torna-se uma constante em seu discurso, conforme vemos a seguir: “Tudo está acabado para mim, na terra. [...] e eis que me encontro tranquilo no fundo do abismo, um pobre mortal desafortunado, mas impassível como o próprio Deus” (Rousseau, 2017, p. 19).

A vida de solidão e de abandono do personagem ganham ênfase no seguinte destaque, recorrente na mesma obra: “Não tenho mais neste mundo nem próximo, nem semelhantes, nem irmãos. [...] Solitário para o resto de minha vida, pois encontro apenas em mim o consolo, a esperança e a paz, não devo nem desejo mais me ocupar de outra coisa senão de mim mesmo” (Rousseau, 2017, p. 19-20).

A sequência que interliga *As confissões* e *Os devaneios* é apontada pelo próprio Rousseau, quando ele afirma o seguinte: “É neste estado que retomo o exame severo e sincero a que chamei no passado minhas *Confissões*”. Adiante, Rousseau acrescenta: “Estas folhas podem [...] ser vistas como um apêndice de minhas *Confissões*” (Rousseau, 2017, p. 20).

Conclusão

Partindo do supradito, observamos que a construção sintático-semântica, que estrutura os discursos de ambas as obras, atesta sua coerência, ao tempo em que confirma a autenticidade do sentimento do emissor, manifesto nas mesmas. Assim, nessas obras, torna-se perceptível a

sensibilidade de Rousseau e sua capacidade criadora, que são, indiscutivelmente, extraordinárias.

Na estrutura da linguagem dessas obras, fica ressaltado o aspecto humano do narrador, cujo mundo narrado, à maneira do que postula Paul Ricoeur (1994, p. 15), em *Tempo e narrativa*, “[...] é sempre um mundo temporal. [...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; [...] a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. Isso é corroborado por Benedito Nunes (1995, p. 5-6), ao afirmar que o tempo está intimamente ligado à vida e à narrativa, visto que ele é elemento primordial “[...] da narrativa, assim como é o elemento da vida; [razão pela qual] está inseparavelmente ligado a ela, como aos corpos no espaço”.

Referências

CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito: sua posição na cultura humana. In: CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. Guinsburg e Míriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 15-31. (Coleção Debates, 50).

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. I – A Linguagem. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: 2001. (Coleção tópicos).

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Debates, 52).

LOUSADA, Wilson: Do íntimo do ser. In: **As confissões**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 7-10. (Biblioteca Áurea).

MARCONDES, Guacira Marcondes. O Romantismo dos devaneios. In: ESPÍDOLA, Arlei. (org.). **Rousseau: pontos e contrapontos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2012. p. 177-194.

MACHADO, Guacira Marcondes. O romantismo dos devaneios. In: ESPÍDOLA, Arlei de. (org.). **Rousseau: pontos e contrapontos**. São Paulo: Barcarolla, 2012. p. 177-194.

JESI, Furio. **Literatura y mito**. Barcelona: Barral Editores, 1972.

MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica. In: MARQUES, José Oscar de Almeida. (org.). **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. p. 153-172.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Fundamentos, 31).

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução por Constança Marcondes Cesar. Capinas-SP: Papyrus, 1994. Tomo I. Trad. *Temps et récit* – Tome I.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Tradução por Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. Trad. Wilson Lousada. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (Biblioteca Áurea).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

SAES, Laurent de. Introdução. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017. p. 7-13.

SANTOS, Maria de Lourdes Dionizio. O lirismo amoroso na obra *Júlia ou a Nova Heloísa*, de Jean-Jacques Rousseau. In: DIONIZIO NETO, Manoel. (org.). **Da ética à literatura**: a educação e o ensino de filosofia. João Pessoa: Ideia, 2018. p. 191-206.

STAROBINSK, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TADIÉ, Jean-Yves. **Le récit poétique**. Paris: Gallimard, 1997. (Coletion Tel).

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VICENTE, Adalberto Luiz. A retórica da sensibilidade e a renovação das formas literárias: repercussão dos devaneios do caminhante solitário nos séculos XIX e XX. In: ESPÍNDOLA, Arlei de. (org.). **Rousseau**: pontos e contrapontos. São Paulo: Barcarolla, 2012. p. 167-176.

VOLOBUEF, Karin. Rousseau, Hoffmann e a criatividade romântica. In: MARQUES, José Oscar de Almeida. (org.). **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. p. 129-135.

VOLOBUEF, Karin. (org.). Apresentação. In: **Mito e magia**. São Paulo: editora Unesp, 2011. p. 1-7.